

VIRTUALIZANDO A INTIMIDADE: TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS EM TERAPIA

VIRTUALIZING INTIMACY: INFORMATION COMMUNICATION TECHNOLOGIES AND TRANSNATIONAL FAMILIES IN THERAPY

RESUMO: As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são características onipresentes na vida familiar do imigrante. Disponíveis, amplamente acessíveis e altamente adaptáveis as TICs transformaram a experiência de imigração num processo transnacional com as redes familiares redesenhadas, mas não perdidas. Ser uma família transnacional não é um fenômeno novo. O transnacionalismo, entretanto, tem sido reservado, historicamente, para o imigrante de classe mais abastada profissional e politicamente que pode viajar livremente e usar formas caras de comunicação, antes da emergência de tecnologias acessíveis. Este artigo revê, sistematicamente, a literatura de pesquisa de investigação do impacto potencial das TICs nas vidas das famílias transnacionais e como estas as utilizam. A grande penetração das TICs também coloca em questão alguns métodos como estudiosos conceituaram a experiência imigratória. O uso adequado da tecnologia na terapia familiar fortalece abordagens culturalmente competentes e imparciais para focar as necessidades dessas famílias. A terapia de famílias transnacionais ilumina alguns dos potenciais que essas tecnologias introduzem na prática dos clínicos de relações.

PALAVRAS CHAVES: Imigração; Famílias; Transnacional; Tecnologias da Informação e Comunicação.

ABSTRACT: Information communication technologies (TICs) are a ubiquitous feature of immigrant family life. Affordable, widely accessible, and highly adaptable TICs have transformed the immigrant experience into a transnational process with family networks redesigned but not lost. Being a transnational family is not a new phenomenon. Transnationalism, however, has historically been reserved for the wealthier professional and political immigrant class who were able to freely travel and use expensive forms of communication before the emergence of accessible technologies. This paper systematically reviews the research literature to investigate the potential impact of TICs on the lives of transnational families and how these families utilize them. The wide penetration of TICs also puts into question some of the ways in which scholars have conceptualized the immigrant experience. The appropriate use of technology in family therapy should strengthen culturally competent and equity-based approaches to address the needs of these families. A family therapy with a transnational family illuminates some of the potential that these technologies introduce in the practice of relational clinicians.

KEYWORDS: Immigration; Families; Transnational; Information Communication Technologies.

GONZALO BACIGALUPE, EDD, MPH

IKERBASQUE, Fundação Basca para a Ciência e Departamento de Avaliação e Tratamento Psicológico, Universidade de Deusto, Bilbao, Espanha

Email: gonzalo.bacigalupe@deusto.es

SUSAN LAMBE, M.A. PH. D. CAND

Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Massachusetts Boston, Boston, MA

Publicado originalmente na revista *Family Process*, Vol. 50, No. 1, 2011.

Tradução de

ANNA VASCONCELLOS

Um grande número de imigrantes recentes mantém intensa conexão com seus países e famílias extensas (Falicov, 2007, p. 157).

Em seu artigo original publicado na *Family Process*, Celia Falicov mergulha em estudos sobre a imigração para formular um enquadre terapêutico ecossistêmico e culturalmente afirmativo para uso com famílias imigrantes. Falicov aborda brevemente o impacto das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na formatação das comunicações familiares, apesar das barreiras geográficas e temporais.

Entretanto, isto não é a essência da sua tese e requer considerações posteriores. Devido aos avanços e a grande disponibilidade da TICs na última década, es-

sas tecnologias não só influenciaram as relações familiares, mas também transformaram suas identidades. Por exemplo, as famílias formam um ciclo de vida nuclear assim como tomam decisões do dia a dia com a participação de membros situados em países diferentes. Há pouco tempo, só uma minoria de famílias imigrantes era capaz de manter troca constante e comunicação com seus parentes no exterior. Diferente dos refugiados políticos ou imigrantes econômicos, os executivos de alto nível, diplomatas e outras famílias abastadas poderiam bancar os custos de viagens constantes e chamadas telefônicas caras. As TICs convencionais, que são ferramentas disponíveis para a maioria dos imigrantes, transformaram, incrivelmente, estas famílias em entidades transnacionais que mantêm laços sociais ininterruptos por meio das fronteiras nacionais. Como Falicov e outros na terapia familiar (Hardy & Laszloffy, 2002; McGoldrick & Hardy, 2008), concordamos com o princípio de que a inclusão do contexto comunitário e sociopolítico é essencial para a avaliação e intervenção ecossistêmicas. Logo, um enquadre ecossistêmico e baseado na imparcialidade informa nossa análise sobre o impacto das tecnologias nas famílias imigrantes. Propomos que as TICs envolvem grandes mudanças na vida dos imigrantes. Consequentemente, os conceitos da psicologia familiar e da terapia de família que foram usados para caracterizar a experiência psicológica e relacional do imigrante necessitam ser revistos diante das novas circunstâncias.

RECONCEITUALIZANDO IMIGRAÇÃO

Estudiosos de vários campos apontam para a necessidade de reconceitua-

lização da imigração e das construções de aculturação (Chirkov, 2009; Levitt & Schiller, 2004; Rudmin, 2009; Schwartz, Unger, Zamboanga & Szapocznik, 2010). Aculturação é um processo complexo e multidimensional que caracteriza o modo como os imigrantes adotam ou rejeitam valores, práticas e identidades de sua terra natal com o país anfitrião. Priorizando o conceito de aculturação para compreender a experiência da imigração, o processo de assimilação foi frequentemente considerado como sendo o primeiro passo para a integração no novo país. Depois, a assimilação foi vista como o exemplo ideal de uma adaptação saudável, requerendo que os imigrantes se ajustem unilateralmente à sociedade anfitriã. Como consequência, os pesquisadores se ativeram mais ao processo de assimilação e sua conexão com a adaptação saudável do que a outras formas de aculturação (Chun, Organista & Marin, 2003; Schwartz et al. 2010). Além disso, estudiosos da imigração se perguntaram se a crescente mobilidade econômica entre os imigrantes *requer* assimilação (Levitt & Schiller, 2004). Entretanto, definir e medir a aculturação são assuntos contestados (Thomson & Hoffman-Goetz, 2009). A imigração precisa ser examinada a partir de uma perspectiva transnacional que considera o impacto dos laços persistentes com o país de origem nas redes sociais das experiências dos imigrantes (Basch, Schiller & Blanc, 1994; Bhatia & Ram, 2009). Pois migrar para um lugar novo e manter laços transnacionais não são mutuamente excludentes, os estudiosos precisam considerar simultaneamente ou “...viver a vida incorporando atividades diárias, rotinas e instituições localizadas ambas no país de destino e transnacionalmente...” (Levitt & Schiller, 2004, p. 2).

Muitas pesquisas prévias enfatizam os resultados econômicos e sociais e pouca atenção foi dada à saúde mental ou psicológica como função de ligações transnacionais, não obstante sua importância para o bem-estar psicológico, apoio social e identidade étnica do imigrante (Mahalingam, 2006; Murphy & Mahalingam, 2004).

Estudiosos da migração adotam amplamente “a ótica transnacional para estudar a primeira geração de imigrantes” (Levitt, 2009, p. 1225). Por exemplo, imigrantes mexicanos nos Estados Unidos, para quem ser transnacional foi típico, devem considerar meios para manter a comunicação entre os casais, renegociar tarefas e decidir quais os membros que imigrarão. Visto de uma perspectiva transnacional, famílias migrantes podem ser consideradas como “unidades socioeconômicas estratégicas” para as quais as conexões familiares são “trabalhadas e re-trabalhadas através do tempo e espaço” (Levitt & Schiller, 2004, p. 1015). Como a pesquisa considerou vidas de muitos outros grupos de imigrantes, insights semelhantes são confirmados. Também, a socialização transnacional da criança imigrante e da não imigrante pode ocorrer mesmo através das fronteiras geográficas (Schwartz et al. 2010).

TICS

As TICs permitem que as famílias se conectem virtualmente, substituindo a proximidade geográfica. Elas incluem plataformas de hardware e software que são altamente adaptáveis e que operam entre si. O hardware TIC inclui fonotecnologias, computadores amplamente disponíveis (Hamel, 2009), ferramentas compatíveis com a Internet, tais como jogos e câmeras digitais

com capacidades geográficas locais. As TICs modernas possuem videochat convencional e os cartões internacionais de telefone têm custos e qualidade de chamadas locais. Adicional ao hardware, as TICs incluem software social ou ferramentas de mídia social populares, tais como *Facebook*, *Twitter*, *LinkedIn*, *Youtube* e *Flickr*. Conferência pela web e ferramentas de áudio comunicação tais como *Skype* também são amplamente utilizadas. A análise secundária de dados, avaliações e os estudos qualitativos mostram, sem dúvida, a confiabilidade crescente na Internet como fonte amplamente significativa de informação, tais como informações sobre cuidados com a saúde (Horgan & Sweeney, 2010) e apoio entre pares, incluindo suporte para problemas mentais (Griffiths, Callear, Banfield & Tam, 2009).

A utilização da TIC entre os imigrantes está crescendo entre essa população em geral, com índices comparáveis às idades do grupo com mais conectividade na Internet (Ros, 2010). Apesar da falta de recursos entre a maioria dos imigrantes econômicos, eles se tornam rapidamente usuários das TICs. Uma explicação para este fenômeno é que as TICs facilitam o processo imigratório (Hamel, 2009). A adoção de tecnologias de telefones celulares foi tão rápida e extensa que ultrapassou as barreiras de outras tecnologias e mídias incluindo rádio, televisão, jornais e linhas de telefones fixos.

A adoção de telefones celulares foi tão rápida que, em poucos anos, não possuir tal telefone tornou-se uma raridade e não mais um luxo, como Host e Miller (2006) mostram no seu estudo etnográfico sobre o uso do celular na Jamaica. A rápida adoção dessa tecnologia na Jamaica preencheu a necessidade cultural profun-

da de manutenção e solidificação de vínculos comunitários entre membros da família, sustentando a rede social e aumentando o capital social. Em diferentes sociedades, a popularidade destas está ligada às necessidades culturais que precedem a tecnologia. Por exemplo, em comunidades onde decisões são tomadas principalmente de modo coletivo, a disponibilidade de celulares capacita o indivíduo a tomar decisões usando seu sistema de valores coletivos. Da mesma forma é possível construir a hipótese de que as tecnologias preenchem a lacuna relacional, emocional e social das famílias que possuem mais de um país como lar.

TICS: O NOVO MEMBRO DA FAMÍLIA

As famílias de imigrantes adotaram as TICs como um meio de ultrapassar a distância geográfica e as fronteiras nacionais, aumentando sua conexão, identidade e sobrevivência. O tom clínico e público das conversas sobre TICs, entretanto, é sempre alarmista e negativo ao invés de focalizar seu potencial para fortalecer as conexões familiares. A conceituação dominante de família circunscrita numa classe média alta ideal e não originária da intercessão complexa do conflito raça, classe e gênero pode alimentar a concepção de medo em torno destas tecnologias emergentes. Tecnologias sociais são percebidas como intrusas na “normalidade” ou no que é considerado saudável para a família nuclear. Como resultado, as tecnologias emergentes são interpretadas como ameaça ou causa de patologias. É necessário repensar tais ideias discutindo o papel das TICs entre as famílias transnacionais. Há lições a aprender pelas famílias e clínicos sobre a ajuda destas tecnologias às famílias transnacionais para a manutenção

da conexão e negociação das barreiras impostas pela distância e tempo.

As TICs estão integradas no processo e na dinâmica familiar. Nesse processo, a família é confrontada com decisões pragmáticas sobre como manejar o uso e dar sentido ao discurso social sobre o novo membro. Os pais são os responsáveis pelo manuseio do telefone celular e da Internet, mas esta responsabilidade pode ser obstruída pelo fato de crianças e adolescentes adotarem as TICs mais rapidamente e as utilizarem com mais frequência que seus pais (Delmonico & Griffin, 2008). As ocasiões em que pais manejam as TICs são mais complexas. Por exemplo, os pais podem dar ao filho um telefone celular habilitado com mensagem de texto para que possa comunicar seus deslocamentos via texto e não por ligação telefônica. Entretanto, podem duvidar da segurança deste tipo de comunicação depois de ouvir notícias que estudantes usam mensagem de texto para cometer bullying. Os pais podem, inicialmente, ficar satisfeitos com a característica da mensagem de texto como meio de saber a localização dos filhos e ter uma boa ideia do comportamento deles na escola. Entretanto, as dúvidas evocadas pela mídia podem alimentar um conflito potencial que aliena seus filhos, cria desconfiança podendo reduzir a habilidade para tomar decisões em colaboração. De acordo com Lenhart e Madden (2005), em torno de 65% dos adolescentes pensam que estão engajados em atividades que não querem que seus pais fiquem sabendo.

A pesquisa insuficiente e a literatura clínica sobre TICs têm, na maioria das vezes, estudado o potencial do seu impacto negativo no funcionamento individual e familiar. O uso da Internet tem sido associado aos vários comportamentos problemáticos (Byun et al. 2009; Morrison & Gore, 2010; Park,

Kim & Cho, 2008; Pies 2009; Tao et al, 2010). Adições ao cybersexo, infidelidade através de relacionamentos online e uso da Internet para exploração sexual de adolescentes também têm sido assunto da literatura clínica (Delmonico & Griffin, 2008; Goldberg, Peterson, Rosen & Sara, 2008; Gonyea, 2004; Hertlein, 2008; Hertlein & Webster, 2008; Landau, Garrett & Web, 2008; Schneider, 2003; Whitty & Quigley, 2008). Tem havido muitos textos abordando a segurança das crianças (Anderson-Butcher et al., 2010; Delmonico & Griffin, 2008; Lenhart, Purcell, Smith & Zickuhr, 2010; Moreno, Parks, Zimmerman, Brito & Christakis, 2009; Oravec, 2000; Palfrey, Boyd & Sacco, 2010; Rosenblatt & Li, 2010; Ybarra & Mitchell, 2005). Preocupações clínicas e da mídia com o impacto dos telefones celulares no momento familiar também encontraram um nicho na literatura (Lanigan, 2009; Mesh, 2006). Resultados destas pesquisas, entretanto, são frequentemente contraditórios: alguns sugerem um efeito positivo e outros o dizem negativo no espaço familiar.

Nos seus trabalhos sobre a relação entre a tecnologia e problemas de relacionamento entre famílias de classe média alta, Fraenkel (2001a, 2001b) assinala os benefícios das TICs nas famílias, tais como a conexão de seus membros. Ele focaliza, primeiramente, em como a tecnologia pode causar problemas com o tempo. Estes podem incluir pais que passam muito tempo com telecomunicações ou membros questionando a quantidade de tempo que cada indivíduo passa com aparelhos eletrônicos (Fraenkel, 2001b). Além disso, a tecnologia pode complicar o modo como as famílias veem o tempo, criando uma falsa impressão de que esses aparelhos, juntamente com o tempo de manejo, podem requerer um tempo infinito. Esta falsa concepção

de “possibilidade infinita” (Fraenkel, 2001a, p. 26) leva a super escalar as atividades, menos tempo para relaxar e altos níveis de estresse que impactam as relações familiares. Fraenkel propõe que aparelhos eletrônicos podem criar fraturas na conversação, mesmo quando não são atendidos completamente (por exemplo, um celular no modo silencioso): “A consciência se divide, momentaneamente, entre o ‘aqui’ e o ‘lá’. Outros invisíveis se juntam a nós, potencialmente, requerendo somente uma pressão do nosso polegar para se tornarem atores em qualquer história que se desenrola no momento” (p. 26). Ele declara que as famílias precisam “dar um passo atrás e ter consciência de quem são, do que querem se tornar e como a tecnologia pode ajudar ou obstruir estes objetivos” (p. 65) e sugere que o terapeuta ajude a família a trabalhar nesse sentido. Considerando o contexto das famílias transnacionais, entretanto, as TICs podem ser vistas não como uma lacuna entre “o aqui” e “o lá”, mas como um meio para os terapeutas ajudarem na conexão dos dois.

FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS E TICs

As famílias transnacionais “vivem alguma ou a maior parte do tempo separadas umas das outras, embora ligadas, e criam algo que pode ser visto como um sentimento de bem-estar coletivo e unidade, nomeadamente ‘familiaridade’ mesmo além das fronteiras nacionais” (Bryceson & Vuorela, 2002). Por definição, famílias transnacionais são menos limitadas pelo discurso prevalente de unidade nuclear isolada e têm sido mais permeáveis às influências do meio social. Imigração envolve a memória sobre uma variedade de aspectos de seu país de origem e não só noções abs-

tratas de cultura ou objetos concretos e costumes. As lembranças estão ligadas aos relacionamentos (Falicov, 2007) que se mantiveram historicamente através do contato, nem sempre frequente. No contexto das TICs emergentes, os clínicos devem reconsiderar quem é a família e considerar a noção de “famílias virtuais”.

As TICs são ferramentas que os membros da família transnacional utilizam antes do projeto de imigração e preparação para a viagem, para garantir a segurança e depois para informar à família sobre o processo de reinstalação. Fortalecer a capacidade do imigrante para manter a conexão com a família extensa e com a comunidade maior do país de origem se torna essencial quando seu novo lar é criado. A conexão mais fácil também serve como ponte com a comunidade a qual o imigrante pertence e é, além disso, uma fonte de capital social. As TICs podem ser uma fonte de sustento emocional, embora não estejam livres de potenciais consequências negativas. Em alguns casos, os membros da família podem ter imigrado para resolver conflitos familiares ou se aventurar além de campos restritos ao contexto do legado de sua família. Da mesma forma, o envio de recursos para seu país pode ser um encargo e a facilidade de comunicação pode tornar mais frequente as demandas do país natal.

COPRESENÇA VIRTUAL NAS FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS

Várias pesquisas sugerem que as TICs podem conectar as pessoas queridas de modo a facilitar a proximidade (Baldassar, 2008; Castro & Gonzalez, 2009; Vertovec, 2004). Esses dados nos levam à natureza, extensão e forma da comunicação necessária para que os

membros da família se sintam conectados. Mais especificamente, pesquisas em tecnologias de comunicação sugerem que estas formas de comunicação podem ajudar a criar o sentimento de que as pessoas queridas estão presentes, apesar da distância geográfica (Alonso & Oiarzabal, 2010; Brinkerhoff, 2009; Estevez, 2009). As mensagens trocadas por celulares podem criar um ambiente virtual de copresença no qual as pessoas têm a consciência duradoura do outro. O *keitai*, conceito japonês de dispositivo pessoal (por ex. aparelho celular), facilita a comunicação e é uma presença constante na vida diária (Ito & Okabe, 2005). Ito e Okabe constataram que aqueles que estão sempre envolvidos em mensagens de texto geralmente escrevem para um conjunto pequeno (dois ou cinco) da sua lista de contatos. A mensagem de texto permite a comunicação de assuntos insignificantes ou não urgentes, tais como “acabei de comprar um par de sapatos”. Mensagens de texto são:

Baseadas no sentido de acessibilidade do ambiente, um espaço virtual compartilhado que está, geralmente, disponível entre poucos amigos ou entre os mais queridos. Não requerem a abertura deliberada de um canal de comunicação, mas estão baseadas na expectativa de que alguém está ao “alcance da voz”. (Ito & Okabe, 2005, p. 264).

Os textos criam um espaço entre a interação direta e a não interação. Os imigrantes transnacionais podem usar tecnologias sociais para cultivar este “ambiente de copresença” entre os membros da família que estão em outros países e trocar informações que seriam tipicamente inacessíveis através de distâncias geográficas.

Compreender esta possibilidade para copresença, entretanto, requer

que reconsideremos a noção de que relações face a face são o único meio, ou o ideal, para manter ou construir relacionamentos. Licoppe (2004) revendo a literatura das tecnologias de comunicação e vínculo social argumenta que:

Tecnologias de comunicação, ao invés de serem usadas (às vezes sem sucesso) para compensar a ausência dos nossos entes próximos, são exploradas para construir um padrão contínuo de interações mediadas que se juntam a “relacionamentos conectados”; nos quais as fronteiras entre a ausência e a presença ficam, eventualmente, obscuras (pp. 135-136).

A tecnologia é usada, primeiramente, para manter relacionamentos pré-existentes (por ex. crianças se afastando dos seus pais que permanecem na região natal) e construir a relação existente apesar da falta de um lugar comum. Esta habilidade para construir à distância a relação pré-existente provoca novas posições sobre sociabilidade que Licoppe e Smoreda (2005) definem como tendo três componentes: (1) rede social, (2) trocas, (3) meios técnicos disponíveis para mediar as interações. Telefones celulares, por exemplo, não substituem interações face a face; entretanto, eles oferecem novas oportunidades para construir a “copresença” apesar da distância (Horst & Miller, 2006; Panagakos & Horst, 2006). O real e o virtual, entretanto, não são dicotômicos na vida destas famílias.

O ATENDIMENTO AOS TRANSNACIONAIS: ONDE AS TICS SE DESENVOLVEM

Formas de atendimento

Os pais que trabalham pelo mundo sofrem um estresse tremendo para sustentar suas famílias (Heymann, 2006). A

solução para esta pressão é, frequentemente, a imigração de um dos pais ou parente adulto para ajudar a manter a família (Hondagneu-Sotelo, 2001). A literatura sobre imigrantes transnacionais e TICs tem amplo foco na assistência aos transnacionais (Bohr & Tse, 2009; Horst, 2006; Horton, 2009; Parrenas, 2005). É dito frequentemente que o atendimento aos transnacionais não pode ser feito devido às grandes distâncias. Por exemplo, um aspecto de vida familiar são as interações que envolvem, diariamente, rituais tais como os da hora de dormir e hábitos de higiene pessoal. Entretanto, Baldassar (2007a) declara que as famílias transnacionais se enquadram nas mesmas cinco formas de atendimento (Finch, 1989) das famílias próximas: financeira (por exemplo, envio de recursos), prática (por ex. compartilhar experiências), pessoal (cuidado prático, incluindo tomar conta de doentes), acomodação (ter um lugar para ficar) e apoio moral ou emocional. Migrantes transnacionais envolvidos com todas as formas de ajuda e apoio financeiro, pessoal, emocional ou moral podem ter a tarefa facilitada através das tecnologias de comunicação. Entretanto, apoio pessoal e acomodação só podem ser dados durante visitas pessoais. Assistência pessoal pode ser especialmente difícil, porque, como Baldassar (2007b, 2008) sugere, mesmo com TICs, os pais escondem de seus filhos adultos a doença e o envelhecimento. Um de seus entrevistados para sua pesquisa etnográfica sobre o processo de assistência a famílias, com enfoque no envelhecimento de 80 famílias da Austrália e Itália, resumiu: “Não existe nada que possa fazer mesmo vivendo tanto” (Baldassar, 2007b, p. 403). Assim, interações não virtuais (por ex. em visitas pessoais) ainda são importantes para checar o bem-estar dos membros da família e os relacionamentos.

MATERNIDADE TRANSNACIONAL

Na literatura sobre a assistência transnacional, a maternidade transnacional é a mais estudada. Em geral, maternidade tem a ver com cuidados e educação de crianças. Esta noção de cuidados maternos está ligada à maternidade como um fenômeno natural no qual as mães são consideradas como as cuidadoras primárias de seus filhos. De acordo com Erel (2002): “A separação de mães e filhos vai de encontro ao discurso hegemônico da mãe como cuidadora primária de seus filhos e à proximidade emocional, física e logicamente geográfica que é proclamada e explicada por tais discursos” (p. 132). Entretanto, mulheres com filhos são, frequentemente, responsáveis não só por cuidar, mas também por prover recursos para tal. A demanda de trabalho nos Estados Unidos, dentre outros países igualmente influentes, cria oportunidades para as mulheres migrarem para assegurar trabalho, particularmente como trabalhadoras domésticas, e apoiar financeiramente suas famílias. As TICs desempenham um papel crítico na habilidade tradicional das mulheres para participar dos cuidados maternos e manter os vínculos familiares. Entretanto, as TICs também permitiram que homens jovens participassem do trabalho de “manter contato” (Baldassar, Wilding & Baldock, 2007). Como resultado, as tecnologias estão desafiando as noções tradicionais de cuidados maternos embora os conservem também.

NATUREZA BIDIRECIONAL DOS CUIDADOS MATERNOS

Apesar do impacto psicossocial e relacional da migração naqueles que ficam para trás, a escassa literatura que existe sobre famílias migrantes

transnacionais focaliza, geralmente, nos membros que migram e não nos que ficam. A falta de terminologia para este grupo indica a relativa carência de literatura sobre esta população (Baldassar, 2007a), assim como a presunção de que o cuidado transnacional para pais idosos seja impossível. É importante considerar ambos migrantes e não migrantes para entender o relacionamento das famílias transnacionais porque a pesquisa existente sobre esse tópico indica que cuidados entre migrantes e não migrantes é bidirecional (Carling, 2008 & Wilding, 2006). Pesquisadores devem explorar os tipos de cuidados que os migrantes transnacionais podem prover àqueles que permanecem no seu país de origem e como as TICs podem facilitar tal assistência.

AS TICs COMO INSTRUMENTOS TERAPÊUTICOS

Os terapeutas de famílias têm uma tradição histórica de usar a escrita de cartas e outras formas de comunicação assíncronas para apoiar o trabalho clínico. Além do mais, o início das terapias de família está intrinsecamente ligado às tecnologias de uso de áudio e vídeo para oferecer supervisão ao vivo, base dos modelos de terapia relacional de família. Entrevistas por telefone tornaram-se um protocolo clínico para a terapia de família baseada em estratégia e comunicação. Mais especificamente relacionado com nosso assunto, Falicov (2007) incentivou os terapeutas a usar o telefone e e-mail no apoio a famílias transnacionais. Sugerimos que a virtualização da presença, permitida através das TICs, oferece aos terapeutas possibilidades clínicas mais potentes que o telefone e instrumentos assíncronos.

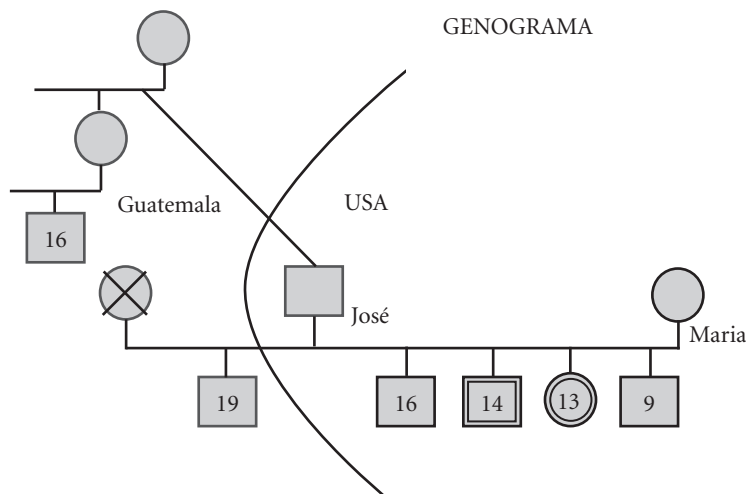
UMA FAMÍLIA TRANSNACIONAL EM TERAPIA

As TICs têm o potencial de abordar algumas injustiças na qualidade do atendimento de saúde de duas formas. Primeiro, permitindo a inclusão de muitos apoios estratégicos as TICs ajudam reduzindo o acesso e barreiras para terapia (Bacigalupe, 2010). Para os terapeutas relacionais que querem desenvolver formas de atendimento clínico e supervisão com colaboração e transparência, as TICs, todavia, têm um potencial imenso para intensificar a participação e colaboração. Segundo, as TICs são um equalizador que permite conversações sem o constrangimento da geografia, expertise e outros fatores que nos estratificam rigidamente (Bacigalupe, no prelo).

Além do uso específico em terapia, as TICs podem facilitar o desenvolvimento de autoajuda e de grupos de apoio conectados virtualmente (Bedgood, Sadurski & Shade, 2007; Griffiths et al., 2009; Kummervold et al., 2002; Patsos, 2001; Uden-Kraan, Drossaert, Taal, Seydel & van der Laar, 2010). Se tecnologias sociais podem ser transformadoras para capacitar pacientes e desenvolver relacionamentos de colaboração, elas podem ser também úteis no nosso papel enquanto terapeutas de família.

O primeiro trabalho terapêutico do autor com uma família imigrante vivendo numa grande cidade nos Estados Unidos exemplifica o modo como tecnologias sociais emergentes podem ser usadas na terapia familiar. José* e seus três filhos (ver o genograma), imigrantes da Guatemala, compareceram à primeira sessão de terapia de família. Um conselheiro escolar encaminhou a família após esforços sem sucesso para ajudar seus filhos adolescentes com problemas na escola. De acordo com o conselheiro escolar, os professores estavam “aborrecidos” com a falta de resposta dos pais a muitas convocações para entrevistas com a família. Eles acreditavam que esses pais não consideravam seus conselhos. Como os pais trabalhavam em horário integral e se alternam nos cuidados aos filhos, não podiam atender às sessões de terapia conjunta. Maria trabalhava num hotel como faxineira, sua escala era rígida e paga por hora, assim, seria fora da realidade interromper sua escala de trabalho. Para incluí-la nas sessões a solução discutida com a família parecia óbvia. Igual à maioria dos imigrantes nos Estados Unidos, Maria tinha um telefone celular.

GENOGRAMA



* Todos os nomes e outras informações identificatórias foram mudados para proteger a confidencialidade profissional e da família.

Na primeira sessão, nos conectamos com Maria através de seu telefone celular, com fones de ouvido. O telefone da sala de terapia estava conectado a um microfone. Enquanto ela continuava seu trabalho, participava da maior parte da sessão. Ter uma conversa virtual intimamente relacionada com a família não seria estranho para ambos e nem para os filhos, já que usavam celulares para coordenar suas funções parentais diárias. A filha adolescente se divertiu com a simplicidade da solução e comentou que este era um modo útil de ter sua mãe presente durante uma visita pediátrica. Da mesma forma, quando o terapeuta sugeriu o uso do celular durante a terapia, ele percebeu que a utilidade deste método poderia se estender além da sessão e servir como aprendizado para outros clínicos.

Para estabelecer objetivos terapêuticos mais claros, o terapeuta chamou o conselheiro escolar, membro da equipe interdisciplinar que fez o encaminhamento. Falou com o conselheiro escolar na presença da família. Após alguns minutos, o terapeuta utilizou o viva voz para discutir as expectativas da escola, inclusive o ponto de vista do conselheiro de mudança positiva e as capacidades do adolescente. A família achou razoável. Eles insinuaram, entretanto, que além dos problemas de comportamento na escola, havia outros que precisavam ser abordados, inclusive a saudade de coisas do país natal.

Na segunda sessão descobrimos que dois dos filhos mais velhos foram educados durante a maior parte do tempo da pré-escola pela avó e tia, ambas ainda residindo na Guatemala. Usamos um laptop para nos conectarmos à Guatemala através do Skype, após saber que seus parentes tinham acesso ao computador de uma vizinha. Primeiro ligamos para o celular da vizinha para

saber se ela emprestaria o computador. Rapidamente estávamos conectados com a avó e tia. Uma das maiores vantagens de usar a web conferência é que a família no consultório pode ver e ouvir seus parentes.

O ingrediente visual na web conferência adiciona a intensidade emocional da sessão e permite que o terapeuta preste atenção a informações não-verbais e analógicas que podem se perder durante uma conversa por telefone. Enquanto a sessão progredia, um primo na Guatemala chegou e trocou algumas palavras com uma criança no consultório.

A família distante ficou grata por participar da sessão e deu conselhos para os membros. De acordo com ela, um dos aspectos mais importantes desta troca audiovisual foi a transmissão de memórias históricas que o pai desconhecia.

De uma perspectiva clínica, juntar virtualmente cedo no trabalho terapêutico membros cruciais de uma família extensa se equipara ao uso de TICs, fortalecendo também o apoio subjacente. A troca virtual terapêutica pode servir ao mesmo propósito que as TICs preenchem para as famílias transnacionais diariamente, mantendo e criando a memória, reduzindo a nostalgia e obtendo apoio.

Na terceira sessão, o terapeuta introduziu na família o uso do software do genograma, o que interessou a filha adolescente que compartilhou informações entre as gerações para entrar no programa. A adolescente também mostrou fotos de seus parentes que acessou pelo Facebook. Revelou que um meio irmão ainda estava no seu país de origem e que os outros filhos mais velhos sentiam sua falta terrivelmente. Decidimos convidar seu meio irmão para participar da próxima sessão via Skype.

A conversação na quarta sessão foi mediada através da web conferência. Os filhos foram os protagonistas, outra vez, de uma animada conversa sobre a adaptação a uma nova escola com diferentes estilos de vestuário, relacionamento com os professores e amigos de qualidade diferente. Frequentemente, essas diferenças tornam-se fontes de conflito de gerações, porque os filhos tentam se adaptar aos novos costumes, enquanto os pais tentam manter os valores do país de origem. Durante a sessão, o terapeuta ouviu a conversa e ajudou os membros da família a entender alguns destes aspectos como diferenças interculturais e acomodações no lugar de conflito de gerações ou família-escola. A discussão entre os filhos ajudou os pais a entender algumas das diferenças interculturais relacionadas às expectativas que a escola tem sobre eles – os professores querem que eles se envolvam mais no processo educacional enquanto os pais acreditam que este processo é somente papel dos professores.

Durante a quinta sessão, criamos um ritual e maneiras de abordar alguns dos aspectos problemáticos. O ritual era desempenhar o papel de colaboradores envolvidos na definição do problema. A sessão foi gravada com uma pequena câmera de vídeo. A gravação serviria de base para discussão sobre confidencialidade e privacidade incluindo qual informação a família considera privativa. Em resposta ao interesse no vídeo, o terapeuta sugeriu que a família o usasse para analisar em casa o que transpirou deles na sessão. Depois de ver o vídeo e ter aprendido os diferentes papéis que eles e o pessoal da escola desempenham, decidiram ter uma breve conversa para abordar a equipe escolar interdisciplinar.

Na sétima sessão, a família e o terapeuta não só usaram a tecnologia como também a tornaram parte de seu

trabalho – não com papel auxiliar, mas como parte intrínseca da conversa.

A tecnologia tornou-se uma forma de testemunha de colaboração (Weingarten, 2007). Neste caso, fortaleceu o trabalho paralelo de reflexão sobre os aspectos transnacionais e do comportamento problemático na escola. Além disso, eles introduziram o uso das TICs em casa para manter a segurança e aumentar as trocas positivas quando juntos. Dois exemplos foram apontados prontamente. Primeiro, a habilidade para escrever textos fez com que todos se sentissem mais seguros numa vizinhança com a presença constante da violência. E, no lugar de serem intrusos quando compartilhavam refeições, os aparelhos faziam sempre parte das discussões sobre a escola e sobre os desafios interculturais da vida diária.

Os terapeutas aprenderam com esta família a ser proativos com todas as famílias, perguntando sobre a utilização da tecnologia em casa. Para a família, a integração das TICs no processo terapêutico auxiliou a enfrentar mais efetivamente os desafios impostos pelo encaminhamento da escola e da imigração.

VIRTUALIZANDO A INTIMIDADE NAS FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS: LIÇÕES PARA TODOS

No passado, famílias que tinham parentes geograficamente distantes, como esta do José e da Maria, se comunicavam para anunciar boas e más notícias de modo abrupto e “desconectado”. Hoje são capazes de manter o relacionamento além das fronteiras nacionais e distâncias geográficas. Para apreciar como as TICs podem impactar positivamente as relações e o funcionamento familiares, os discursos

nostálgicos sobre o que constitui a boa comunicação em família precisam ser revistos. Ideias prevalentes sobre famílias devem se limitar à ajuda para avaliar o impacto que as TICs e como as famílias as adaptam às suas necessidades. A adoção de tecnologias pelas famílias transnacionais desafia os estereótipos sobre a comunicação familiar, perda e nostalgia, oferta de cuidados, aculturação e assimilação e outros conceitos tomados como definitivos no discurso da psicologia familiar.

As TICs conectam milhões com o propósito de trocar informações e recordações, trocar bem-estar e produtos, organizar eventos e muito mais. Elas são uma esplêndida oportunidade para manter legados, criar novas recordações e estabelecer identidade e continuidades coerentes para a família. Por exemplo, uma foto que mostra uma criança recebendo um diploma é compartilhada imediatamente com uma grande rede familiar e comunidades. As reações à foto não esperam semanas ou meses para ser enviadas, mas são instantâneas e fonte de novas conexões. Quando em terapia a família cria um ritual que envolva a avó, semelhante ao planejamento de um batizado, não é só o planejamento que importa, mas as ligações que se fortalecem. Estas formas de conexões são também verdadeiras para qualquer família cujos pais passem longas horas no trabalho e usem aparelhos para falar com os filhos enquanto fazem o trabalho de casa ou antes de dormir.

As intervenções terapêuticas devem encorajar as ligações e, como Falicov (2007) sugeriu, inclui tecnologias “tradicionais” como email e cartas tanto quanto as “emergentes”. Problemas de relacionamento associados às migrações (por ex. deixar os filhos) certamente serão parte das

discussões e o centro da problemática que leva a família à terapia. As tecnologias emergentes oferecem aos terapeutas relacionais instrumentos que serão, mais tarde, os enquadres ecossistêmicos e culturalmente adequados à aproximação das famílias.

Introduzi-las na sessão clínica, no consultório ou em *outreach*, expande o sistema para avaliação e intervenção. Conectar a família na sessão “real” com os que comparecem “virtualmente” tem o potencial de trazer novas ideias e facilita a criação de intervenções ecossistêmicas que, de outra forma, seriam confinadas às informações do pequeno segmento de pessoas envolvidas na situação.

Colaboração e transparência são boas companhias para tais tecnologias. Como aprender e adaptar o hardware e software requer a participação de crianças e adultos igualmente e não hierarquicamente, as TICs oferecem um veículo para comunicação para todas as famílias que requer aprendizado constante, flexibilidade e adaptação. Nesse processo, adultos e crianças podem criar vínculos através da conversação e não só controle e direção. As complexidades tecnológicas são só uma peça do quebra-cabeça. Os dilemas psicossociais e éticos que aparecem com a utilização de tais tecnologias são, provavelmente, o aspecto mais complexo que os clínicos devem abordar. Problemas como confidencialidade, controle, privacidade e segurança não são resolvidos com alguns cliques. Requerem um processo racional que possa equilibrar os riscos da criatividade, imaginação e descoberta com segurança, estabilidade e previsão. É uma ação de estabilidade não muito diferente dos outros dilemas com os quais as famílias e os clínicos se confrontam diariamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, A., OIARZABAL, P.J.** (2010). *Diasporas in the new media age. Indentity, politics, and community*. Reno, NV: University of Nevada Press.
- ANDERSON-BUTCHER, D., LASSEIGNE, A., BALL, A., BRZOWSKI, M., LEHNERT, M., MCCORMICK, B.L.** (2010). Adolescent weblog use: Risky or protective? *Child and Adolescent Social Work Journal*, 27(1): 63-77.
- BACIGALUPE, G.** (2010). Supervision 2.0: E-supervision a decade later. *Family Therapy Magazine*, 9(1): 38-41.
- BACIGALUPE, G.** (in press). Is there a role for social technologies in collaborative health? *Family, Systems, and Health*.
- BALDASSAR, L.** (2007a). Transnational families and aged care: The mobility of care and the migrancy of ageing. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 33(2): 275-297.
- BALDASSAR, L.** (2007b). Transnational families e provision of moral and emotional support: The relationship between truth and distance. *Identities*, 14(4): 385-409.
- BALDASSAR, L.** (2008). Missing kin and longing to be together: Emotions and the construction of copresence in transnational relationships. *Journal of Intercultural Studies*, 29(3): 247-266.
- BALDASSAR, L., Wilding, R., Baldock, C.** (2007). Long-distance caregiving: Transnational families and the provision of care. In I Paoletti (Ed.), *Transnational families and the provision of aged care* (pp.201-227). New York: Nova Science.
- BASCH, L., SCHILLER, N.G., BLANC, C.S.** (1994). *Nations unbound: Transnational projects and deterritorialized nation-states*. London: Routledge.
- BEDGOOD, R., SADURSKY, R., & SCHADE, R. R.** (2007). The use of the internet in data assimilation in rare diseases. *Digestive Diseases and Sciences*, 52(2): 307-312.
- BHATIA, S., RAM, A.** (2009). Theory identity in transnational and diaspora cultures: A critical approach to acculturation. *International Journal of Intercultural Relation*, 33, 140-149.
- BOHR, Y., TSE, C.** (2009). Satellites babies in transnational families: A study of parent's decision to separate from their infants. *Infant Mental Health Journal* 30(3): 265-286.
- BRINKERHOFF, J.M.** (2009). *Digital diasporas: Identity and transnational engagement*. New York : Cambridge University Press.
- BRYCESON, D.F., VUORELA, U.** (2002). Transnational families in the twenty-first century. In D.F. Bryceson & U. Vuorela (Eds.), *The transnational family: New European frontiers and global networks* (pp. 3-30). New York International Publishers.
- BYUN, S., RUFFINI, C., MILLS, J.E., DOUGLAS, A.C., NIANG, M., STEPCHENKOVA, S., et al.** (2009). Internet addiction: Metasynthesis of 1996-2006 quantitative research. *CyberPsychology and Behavior*, 12 (2): 2003-2007.
- CARLING, J.** (2008). The human dynamics of migrant transnationalism. *Ethnic and Racial Studies*, 31 (8): 1425-1477.
- CASTRO, L.A., GONZALES, V.M.** (2009); *Hometown websites: Continuous maintenance of crossborder connections*. Paper presented at the Fourth International Conference on Communities and Technologies, University Park, MD.
- CHIRKOV, V.** (2009). Critical psychology of acculturation: What do we study and how do we study it, when we investigate acculturation? *Inter-*

- national Journal of Intercultural Relations*, 33, 94-105.
- CHUN, K.M., ORGANISTA, P.B., MARIN, G.** (Eds.) (2003). *Acculturation: Advancements in theory, measurement, and applied research*. Washington, DC: American Psychological Association.
- DELMONICO, D.L., GRIFFIN, E.J.** (2008). Cybersex and the E-teen: What marriage and family therapists should know. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4): 431-444.
- EREL, U.** (2002). Reconceptualizing motherhood: Experiences of migrant women from Turkey living in Germany. In D. Bayceson & U. Vuorela (Eds.), *The transnational family: New Europeans and global networks* (pp. 127-146). New York: Berg.
- ESTEVEZ, S.M.** (2009). Is nostalgia becoming digital?: Ecuadorian diaspora in the age of global capitalism. *Social Identities*, 15 (3): 393-410
- FALICOV, C.J.** (2007). Working with transnational immigrants: Expanding meanings of family, community, and culture. *Family Process*, 46(2): 157- 171.
- FINCH, J.** (1989). *Family obligations and social change*. Cambridge, UK: Polity Press.
- FRAENKEL, P.** (2001a). The beeper in the bedroom: Technology has become a therapeutic issue. *The Psychotherapy Networker*, 25, 22-29, 64-65.
- FRAENKEL, P.** (2001b). The place of time in couple and family therapy. In K.J. Daly (Ed.), *Minding the time in family experience: Emerging perspectives and issues* (pp. 283-309). Killington, Oxford: Elsevier Science.
- GOLDBERG, P.D., PETERSON, B.D., ROSEN, K.H., SARA, M.L.** (2008). Cybersex: The impact of a contemporary problem on the practices of marriage and family therapists. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34 (4): 469-480.
- GONYEA, J.L.J.** (2004). Internet sexuality: Clinical implications for couples. *American Journal of Family Therapy*, 32(5): 375-390.
- GRIFFITHS, K.M., CALEAR, A.L., BANFIELD, M., TAM, A.** (2009). Systematic review on Internet support groups (ISGs) and depression: What is known about depression ISGs? *Journal of Medical Internet Research*, 11(3): 1-11.
- HAMEL, J.Y.** (2009). *Information and communication technologies and migration*. Geneva: United Nations Development Programme.
- HARDY, K.V., LASZLOFTY, T.A.** (2002). Couple therapy using a multicultural perspective. In A.S. Gurman & N.S. Jacobson (Eds.), *Clinical handbook of couple therapy* (pp.569-596). New York: The Guilford Press.
- HERTLEIN, K.M.** (2008). Problems created by technology within our couple and family relationships. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4): 429-430.
- HERTLEIN, K.M., WEBSTER, M.** (2008). Technology, relationships, and problems: A research synthesis. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4): 445-460.
- HEYMANN, J.** (2006). *Forgotten families: Ending the growing crisis confronting children and working parents in the global economy*. Oxford: Oxford University Press.
- HONDAGNEU-SOTELO, P.** (2001). *Domestica: Immigrant workers cleaning and caring in the shadows of affluence*. Berkeley, CA: University of California Press.
- HORGAN, A., SWEENEY, J.** (2010). Young students' use of the internet for mental health information and support. *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing*, 17 (2): 117-123.
- HORST, H.A.** (2006). The blessings and burdens of communication: Cell

- phones in Jamaican transnational social fields. *Global Networks*, 6(2): 143-159.
- HORST**, H.A., **MILLER**, D. (2006). *The cell phone: An anthropology of communication*. Oxford: Berg.
- HORTON**, S. (2009). A mother's heart is weighed down with stones: A phenomenological approach to the experience of transnational motherhood. *Cultura, Medicine and Psychiatry*, 33(1): 21-40.
- ITO**, M., **OKABE**, B. (2005). Technosocial situations: Emergent structuring of mobile e-mail use. In Ito, M., Okabe, B., M. Matsuda (Eds.), *Personal, portable, pedestrian: mobile phones in Japanese life* (pp. 257-276). Cambridge, MA: MIT Press.
- KIRSCHENERA**, P.A., **KARPINSKIB**, A.C. (in press). Facebook and academic performance. *Computers in Human Behavior*, 1237-1245. Doi: 10.1016/j.chb.2010.03.024
- KUMMERVOLD**, P.E., **GAMMON**, D., **BERGVIK**, S., **JOHNSEN**, J.A., **HASVOLV**, T., **ROSENINGE**, J.H. (2002). Social support in a wired world: Use of online mental health forums in Norway. *Nordic Journal of Psychiatry*, 56(1): 59-65.
- LANDAU**, J., **GARRET**, J., **WEBB**, R. (2008). Assisting a concerned person to motivate someone experiencing cybersex into treatment: Application of Invitational Intervention: The ARISE Model to cybersex. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4): 498-511.
- LANIGAN**, J.D. (2009). A sociotechnological model for family research and intervention: How information and communication technologies affect family life. *Marriage and Family Review*, 45(6-8): 587-609.
- LENHART**, A., **MADDEN**, M. (2005). *Teens and technology: Youth are leading the transition to a fully wired mobile nation*. Washington, DC: Pew Internet & American Life Project. Retrieved from http://www.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2005/PIP_Teens_Tech_July2005web.pdf
- LENHART**, A., **PURCELL**, K., **SMITH**, A., **ZICKUHR**, K. (2010). *Social media & mobile internet use among teens and young adults*. Washington, DC: Pew Internet & American Life Project.
- LEVITT**, P. (2009). Roots and routs: Understanding the lives of the second generation transnationally. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 35(7): 1225-1242.
- LEVITT**, P., **SCHILLER**, N.G. (2004). Conceptualizing simultaneity: A transnational social field perspective on society. *International Migration Review*, 38(3): 1002-1039.
- LICOPPE**, C. (2004). 'Connected' presence: The emergence of a new repertoire for managing social relationships in a changing communication technoscape. *Environment & Planning D: Society and Space*, 22(1): 135-156.
- LICOPPE**, C., **SMOREDA**, Z. (2005). Are social networks technologically embedded? How networks are changing today with changes in a communication technology. *Social Networks*, 27(4): 317-335.
- MAHALINGAM**, R. (2006). *Cultural psychology of immigrants*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- McGoldrick, M., Hardy, K.V. (2008). *Re-visioning family therapy: Race, culture, and gender in clinical practice* (2nd ed). New York: Guilford Press.
- MESCH**, G.S. (2006). Family relations and the Internet: Exploring a family boundaries approach. *Journal of Family Communication*, 6(2): 119-138.
- MORENO**, M.A., **PARKS**, M.R., **ZIMMERMAN**, F.J., **BRITO**, T.E., **CHRISTAKIS**, D.A. (2009). Display of health risk behavior on MySpace by adolescents: Prevalence and associations.

- Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 163(1): 27-34.
- MORRISON**, C. M., **GORE**, H. (2010). The relationship between excessive Internet use and depression: A questionnaire-based study of 1,319 young people and adults. *Psychopathology*, 43,121-126.
- MURPHY**, E. J., **MAHALINGAM**, R. (2004). Transnational ties and mental health of Caribbean immigrants. *Journal of Immigrant Health*, 6(4): 167-178.
- ORAVEC**, J. A. (2000). Internet and computer technology hazards: Perspectives for family counseling. *British Journal of Guidance and Counselling*, 28(3): 309-324.
- PALFREY**, J., **BOYD**, D., **SACCO**, D.(2010). *Enhancing child safety and online technologies: Final report of the Internet Safety Technical Task Force*. Durham, NC: Carolina Academic Press.
- PANAGAKOS**, A. N., **HORST**, H. A. (2006). Return to Cyberia: Technology and the social worlds of transnational migrants. *Global Networks*, 6(2): 109-124.
- WEINGARTEN**, K. (2004). Witnessing the effects of political violence in families: Mechanisms of intergenerational transmission and clinical interventions. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30(1): 45-60.
- WHITTY**, M. T., **QUIGLEY**, L. L.(2008). Emotional and sexual infidelity offline and in cyberspace. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4): 461-468.
- WILDING**, R. (2006). Virtual intimacies? Families communicating across transnational contexts. *Global Networks*, 6(2): 125-142.
- YBARRA**, M. L., **MITCHELL**, K. L. (2005). Exposure to Internet pornography among children and adolescents: A national survey. *CyberPsychology and Behavior*, 8(5): 473-486.